






## Concepções maternas acerca do ensino remoto para crianças com transtorno do espectro autista na pandemia\*

Maternal conceptions about remote learning for children with autism spectrum disorder during the pandemic

### Como citar este artigo:

Teixeira OFB, Pessoa VLMP, Quixadá LM, Silva JWM, Miranda KCL. Maternal conceptions about remote learning for children with autism spectrum disorder during the pandemic. Rev Rene. 2024;25:e93461. DOI: <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20242593461>

-  Olga Feitosa Braga Teixeira<sup>1</sup>
-  Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa<sup>2</sup>
-  Luciana Martins Quixadá<sup>2</sup>
-  José Wagner Martins da Silva<sup>3</sup>
-  Karla Corrêa Lima Miranda<sup>2</sup>

\*Extraído da tese intitulada “Deixados para trás - o (des) mantê-lo foi grande”: discursos produzidos por mães de crianças com autismo acerca da pandemia da Covid-19, Universidade Estadual do Ceará, 2023.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Campina Grande, Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras. Cajazeiras, PB, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, CE, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Regional do Cariri. Iguatu, CE, Brasil.

### Autor correspondente:

Olga Feitosa Braga Teixeira  
Rua José Adolfo de Oliveira, 143, Casas,  
Populares Cajazeiras - CEP: 58900-000.  
Cajazeiras, PB, Brasil.  
E-mail: [olgafeitosa@hotmail.com](mailto:olgafeitosa@hotmail.com)

**Conflito de interesse:** os autores declararam que não há conflito de interesse.

EDITOR CHEFE: Ana Fatima Carvalho Fernandes

EDITOR ASSOCIADO: Francisca Diana da Silva Negreiros

### RESUMO

**Objetivo:** compreender as dificuldades do ensino remoto para crianças com autismo a partir dos discursos maternos. **Métodos:** estudo qualitativo, realizado com 22 mães de uma associação. A estratégia para gerar os dados envolveu dinâmicas participativas por meio da Técnica do Gibi. O referencial da análise de discurso de linha francesa foi adotado para análise do material. **Resultados:** a dificuldade do sistema educacional em lidar com as singularidades das crianças com autismo foi a realidade desde o ingresso na escola, e a pandemia acentuou a exclusão. Não houve adaptação ao ensino remoto, e as mães optaram em retirá-las da escola. A saída das crianças foi ignorada por professores e direção, e as escolas não assumiram a responsabilidade em benefício dessa população. **Conclusão:** o sistema educacional foi considerado ineficiente para atender às demandas dessas crianças durante a pandemia. A ausência de atividades educacionais foi responsável pelo desgaste mental e emocional para díade mãe/filho e pela regressão nas habilidades e nos comportamentos das crianças. **Contribuições para a prática:** as narrativas maternas devem ser consideradas e abordadas pelos profissionais da educação, para elaboração de protocolos de educação especial, para direcionar e otimizar as práticas educativas em situações de emergências de saúde pública.

**Descritores:** Educação; Mães; Transtorno do Espectro Autista; Pandemia; COVID-19.

### ABSTRACT

**Objective:** to understand the challenges of remote learning for children with autism based on maternal perspectives. **Methods:** qualitative study conducted with 22 mothers from an association. Data collection involved participatory dynamics using the Comic Book Technique. French discourse analysis framework was used for material analysis. **Results:** the educational system's difficulty in addressing the uniqueness of children with autism had been an issue since their entry into school, and the pandemic exacerbated their exclusion. There was no adaptation to remote learning, and mothers chose to withdraw their children from school. The children's departure was ignored by teachers and school administration, and schools did not take responsibility for this population. **Conclusion:** the educational system was deemed inefficient in meeting the needs of these children during the pandemic. The lack of educational activities contributed to mental and emotional strain for the mother-child dyad and regression in the children's skills and behaviors. **Contributions to practice:** maternal narratives should be considered and addressed by education professionals in the development of special education protocols, to guide and optimize educational practices in public health emergencies.

**Descriptors:** Education; Mother; Autism Spectrum Disorder; Pandemics; COVID-19.

## Introdução

No decurso da pandemia da doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19), autoridades de saúde a nível mundial impuseram bloqueios gerais como forma de minimizar a propagação da infecção e, consequentemente, controlar o número de adoecimentos e mortes<sup>(1)</sup>. Os enormes impactos do período pandêmico forçaram setores formais e informais a interromperem suas atividades, e a área educacional não foi exceção<sup>(2)</sup>. Evidenciamos a maior ruptura histórica nos sistemas educacionais, e cerca de 94% da população estudantil, de mais de 190 países e de todos os continentes, sofreu os estragos do fechamento de todos os espaços de aprendizagem<sup>(3)</sup>.

Com a suspensão de todas as atividades escolares, tentou-se a educação a distância como forma de garantir que esse direito não fosse interrompido durante a pandemia<sup>(4)</sup>. Por quase dois anos, o ensino presencial foi substituído pelo remoto, exigindo dos alunos, pais e professores mudança de suas rotinas diárias para acomodar as novas e imprevistas realidades educacionais<sup>(5)</sup>.

A adaptação a essa modalidade de ensino foi difícil para todos os alunos, sobretudo para aqueles com transtorno do espectro autista (TEA), que requerem atendimento especializado e suportes e serviços difíceis de serem replicados no ambiente *on-line*<sup>(2)</sup>. As disparidades educacionais existentes tornaram-se ainda mais evidentes durante esse período, visto que a necessidade imediata de mudança para o ensino *on-line* reforçou ainda mais a exclusão e a marginalização sistêmica vivida pelos alunos com deficiência, incluindo aqueles com TEA<sup>(6)</sup>.

A vulnerabilidade dos alunos com autismo chamou atenção no período pandêmico pela probabilidade de que as medidas educacionais adotadas no período terem sido desfavoráveis para tal população. Atender às necessidades educacionais no domicílio, com pouco ou nenhum apoio profissional, representou um fardo adicional e foi causador de profundo sofrimento materno<sup>(7)</sup>.

A pandemia foi um período difícil para as mães que tiveram que gerenciar os cuidados infantis em tempo integral e lidar com os comportamentos desafiadores da criança, além de terem sido privadas de recursos sociais, emocionais e psicológicos de apoio e exercer múltiplos papéis, estando sobrecarregadas com atribuições para as quais não estavam aptas. À medida que os holofotes se deslocavam para a pandemia, menos atenção era dada aos grupos desfavorecidos, como crianças com deficiência e as mães, que não estavam preparadas para gerenciar atividades *on-line*<sup>(8-9)</sup>.

A relevância do trabalho se respalda na necessidade de direcionar os olhares e as discussões sobre a educação especial em tempos de pandemia e o quanto isso interfere na qualidade de vida e na saúde da díade mãe/filho. Pensar e discutir a temática permite aos gestores da educação e da saúde olhar para possibilidades futuras, além de eles poderem desenvolver e implementar intervenções de modo a tornar a educação mais efetiva e inclusiva, para mitigar efeitos negativos de futuras emergências de saúde pública.

Perante o exposto, levantou-se a seguinte pergunta de pesquisa: qual a percepção das mães de crianças com TEA acerca das dificuldades vivenciadas por seus (suas) filhos(as) em relação à educação no período pandêmico? Para respondê-la, este estudo objetivou compreender as dificuldades do ensino remoto para crianças com autismo a partir dos discursos maternos.

## Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo embasado nos critérios do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ). A pesquisa foi realizada em uma associação localizada em município do interior do estado da Paraíba, Brasil.

As participantes foram 21 mães e uma avó (mãe adotiva) de crianças com TEA atendidas pela associação, com faixa etária de 22 a 72 anos, que aceitaram o convite feito pela presidente da instituição

para colaborar com o estudo, sendo selecionadas por conveniência. Foi esclarecido que não haveria prejuízo ou sanção para as participantes que desistissem de participar da pesquisa.

Como critérios de inclusão, foram estabelecidos: ser mãe de criança com TEA; ser associada por um período igual ou superior a dois anos e ter maioridade civil. Foram excluídas aquelas que não frequentavam a associação e que apresentavam sintomas gripais durante o período dos encontros. Durante a coleta de dados, existiam 22 famílias cadastradas na associação, não havendo recusa em participar do estudo.

As reuniões foram programadas conforme a disponibilidade das mães e aconteceram nos meses de maio a julho de 2022, considerando o ponto de saturação dos dados<sup>(10)</sup>, de acordo com os horários de atendimento psicopedagógico das crianças, de forma a facilitar a participação. Para a realização das dinâmicas de criatividade e sensibilidade (DCS), foi utilizada a Técnica do Gibi, uma estratégia lúdica que possibilita aos sujeitos expressar uma situação cotidiana por meio de analogias entre figuras de revista do tipo gibi<sup>(11)</sup>. Os gibis usados foram da Turma da Mônica, disponíveis em PDF de forma gratuita pelo site <https://arquivos-turmadamonica.blogspot.com/>, impressos coloridos pela pesquisadora.

As DCS aconteceram na própria instituição e foram gravadas por intermédio de um sistema de gravação audiovisual, o ambiente foi todo organizado para garantir o conforto das participantes.

As mães foram divididas em grupos em dias distintos, de acordo com o horário de atendimento psicopedagógico dos filhos. Após o esclarecimento sobre as etapas da DCS e a disponibilização das revistas de gibis, foi solicitada a representação, por meio das imagens, da seguinte frase norteadora: As principais dificuldades enfrentadas pelo seu (sua) filho(a) em relação à educação durante o período pandêmico foram... As mães discorreram sobre a realidade educacional dos filhos com TEA, fazendo relação com a imagem do gibi. O momento permitiu o diálogo entre as participantes e teve duração média de 58 minutos.

Foi realizada uma atividade apenas com a Presidente da associação, pelo fato de ser mãe de uma criança com autismo, para observar a compreensão e a consistência interna da atividade, a qual foi posteriormente descartada. As DCS foram transcritas na íntegra, e o material foi submetido à validação das participantes na semana seguinte, aumentando a fidedignidade do material.

Para a organização dos dados, o material empírico coletado foi digitado com informações oriundas das DCS, das figuras de gibi escolhidas pelas participantes e dos registros oriundos das observações do pesquisador. Empregou-se a Análise de Discurso de linha francesa como referencial teórico-analítico. A construção do *corpus* discursivo deu-se por meio das narrativas maternas e sua associação com as figuras de gibi escolhidas, constituindo-se o objeto discursivo. Após repetidas leituras do *corpus*, foram evidenciadas as pistas indicadoras dos dispositivos analíticos constituintes do discurso dos sujeitos<sup>(12)</sup>. Foram identificados processos parafrásticos, polissêmicos e metafóricos, possibilitando que as formações discursivas fossem relacionadas, analisando os enunciados e caracterizando os discursos das mães quanto às suas posições ideológicas, relações entre outros discursos, interdiscurso e redes de filiações históricas.

Para garantir o sigilo das informações e o anonimato das participantes, foi utilizada a identificação delas pela letra P, seguida do numeral ordinal (P1, P2, ..., P22). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande sob o parecer 5.248.572/2022 e o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética 54377321.8.0000.5575.

## Resultados

Os entraves para inclusão escolar dos filhos com autismo já eram uma realidade vivida pelas mães antes mesmo da pandemia e foram acentuados durante esse período. Os comportamentos desafiadores das

crianças, a dificuldade dos profissionais da educação em lidar com esse público, as mudanças nas rotinas e a dificuldade de adaptação das crianças com TEA foram fatores que dificultaram a educação dessa população durante o período pandêmico. O desligamento total das redes de ensino significou a perda de uma rede de apoio composta de professores, colegas, assistentes sociais, psicopedagogos, com repercussões na vida das crianças com TEA e, conseqüentemente, das mães.

Após o processo de análise dos discursos, levando em consideração as condições de produção dos discursos e a interpretação dos pesquisadores, foram organizadas duas formações discursivas: A realidade da exclusão escolar para crianças com autismo e Dei-

xados para trás: as crianças com TEA foram ignoradas durante o período pandêmico.

### A realidade da exclusão escolar para crianças com autismo

Embora a inclusão escolar seja um direito civil; as mães relataram que “o despreparo” da educação em lidar com as singularidades das crianças com autismo foi uma realidade desde o ingresso do filho na escola, e a pandemia apenas acentuou a marginalização sistêmica já vivida. Na Figura 1, observam-se algumas narrativas acerca dos entraves vividos para inclusão escolar dos filhos.



Figuras de Gibi escolhidas pelas mães	Discursos maternos
	<p><i>Já vivi tanta luta em relação à escola que nem sei dizer. Antes, não dava tempo nem eu chegar em casa // eles (referindo-se aos funcionários da escola) ligavam pra ir buscar (nome da filha), porque ela não queria ficar. Diziam que na sala ela só chora, não para que ela isso, que ela aquilo... mas na verdade eles não estão preparados para lidar com (nome da filha) (P2).</i></p> <p><i>Menina eu já fiz foi sofrer em relação à escola viu?! (Nome do filho) não queria ir, chorava, não queria ficar de jeito nenhum. As meninas (refere-se às funcionárias da escola) ligavam e diziam: venha buscar (Nome do filho), ele não quer ficar, tá chorando. Eu pedia muito a Deus, falava com a direção, com os professores, pra arranjar um meio dele ficar na escola. Eu via que a escola não estava preparada pra ficar com (Nome do filho) (P3).</i></p>
	<p><i>Na verdade, a educação não está preparada para receber nossos filhos // nem nós pais estamos, imagine a educação (P10).</i></p>

Figura 1 – Desafios para inclusão escolar de crianças com autismo. Cajazeiras, PB, Brasil, 2022

As narrativas maternas revelaram que as crianças com TEA já enfrentavam dificuldades significativas na inclusão escolar. Muitas dificuldades relacionaram-se às características próprias da criança que comprometeram desde suas relações e interações com outras pessoas até sua linguagem, configurando-se um grande desafio não somente para os professores, mas também para direção, funcionários e até os colegas que compartilhavam da mesma convivência.

Os fragmentos discursivos: *Mas na verdade eles não estão preparados para lidar com (nome da filha) (P2)* e *Eu via que a escola não estava preparada para ficar com (Nome do filho) (P3)* representaram a totalidade das falas das participantes do estudo. As mães consideraram que os ambientes educacionais e os profissionais da educação não estavam preparados para as demandas exigidas pela inclusão escolar, e isso dificultou a acolhida das crianças na escola.

A narrativa: *A educação não está preparada para receber nossos filhos // nem nós pais estamos, imagine a educação* (P10) indicou que a mãe reconheceu que não era apenas a escola e/ou os professores que sentiam dificuldades no manejo da criança com autismo. Um filho com algum tipo de deficiência gerava medo, incerteza e insegurança, que se faziam presente na vida das famílias, que também não estavam preparadas para recebê-lo, sendo um processo constante de aceitação.

Os discursos sinalizaram que a discriminação contra aqueles que eras diferentes era uma prática que se reproduzia socialmente, perpetuando conceitos e práticas desfavoráveis à inclusão de indivíduos com qualquer tipo de deficiência. As falas evidenciaram a rejeição àqueles que não se inseriam nos padrões de comportamentos desejados. As figuras de gibi também demonstraram que a inserção da criança com TEA no contexto educacional foi causa de desgastes

para a díade mãe/filho.

A formação adequada e uma mudança no olhar dos docentes, a distribuição eficaz de recursos e políticas públicas eficientes seriam os ajustes necessários a serem feitos para tornar a educação apta a receber alunos com deficiência e a vencer os desafios que a temática trouxe para a sala de aula.

### Deixados para trás: as crianças com TEA foram ignoradas durante o período pandêmico

Neste estudo, todas as mães afirmaram que os filhos não se adaptaram ao sistema de ensino remoto e se mostraram insatisfeitas com a falta de eficiência do sistema educacional em atender às demandas dos filhos, com reflexos negativos para toda a família. A Figura 2 apresenta algumas narrativas que se referem à educação no período pandêmico.





Figuras de Gibi escolhidas pelas mães	Discursos maternos
	<p>(Nome do filho) não teve acesso ao sistema on-line, ele não aceitava aula on-line. Essa Mônica (referindo-se à figura) sou eu correndo atrás de (nome do filho), pra ele olhar o celular e ele não aceitava, eu ficava louca, mas não tinha o que fazer // Aí eu fui lá na escola e disse: olhe não adianta ele ficar... porque não tá servindo pra nada, ele não quer. Em 2020 e 2021, (nome do filho) não teve nenhum acesso à educação (P4).</p>
	<p>Foram dois anos sem nada. A escola não ofereceu nada além das aulas on-line para (nome do filho), davam aula como se ele fosse igual aos outros, ele nem olhava para o celular, não entendia nada // tirei da escola e ele ficou sem nada mesmo (P6).</p>
	<p>Mulher, (nome do filho) não conseguia assistir as aulas on-line. No primeiro ano, a professora não se adaptou ao sistema remoto, não conseguia dar aula. Foi difícil! No segundo ano, foi outra professora, já estavam mais adaptadas ao ensino on-line, mas (nome do filho) não conseguia se concentrar, não fazia as tarefas... ele não conseguia! Não tinha perigo dele ficar parado em frente ao computador, na verdade ainda hoje não fica. Ele se agitava com as crianças falando ao mesmo tempo, com o barulho da sala de aula. Daí tirei logo, acho que foi melhor! A escola na verdade, deixou ele para trás! (P10).</p>
	<p>(Nome da filha) não se adaptou ao modo on-line. Para começar ela não queria nem acordar pra assistir aula. Quando acordava, não olhava para o celular, não parava, era correndo dentro de casa direto, e eu fiquei muito, muito preocupada. Ela passou 2 anos parada e regrediu em tudo... Você imagine aí, uma criança autista que, além disso, tem o QI abaixo da média, passar 2 anos sem nenhum estímulo, o dismantelo foi grande! Essa bonequinha (refere-se a figura) é (nome da filha), fazendo escândalo para não assistir aula (risos), pra não me estressar, tirei logo da escola (P16).</p>

Figura 2 – Percepção materna acerca do ensino remoto para crianças com autismo durante o período pandêmico. Cajazeiras, PB, Brasil, 2022



Por meio da escolha das figuras de gibi, observou-se que as questões educacionais foram difíceis de serem gerenciadas e causaram desgaste mental e emocional para mãe/filho. Duas características importantes do TEA foram a hipersensibilidade e a má resposta às mudanças, e o ensino *on-line* perturbou as rotinas diárias. Isso desencadeou comportamentos desadaptativos nas crianças e aumentou as preocupações, as angústias e a tristeza nas mães. A metáfora utilizada no depoimento: *Eu ficava louca, mas não tinha o que fazer...* (P4) descreveu como o momento foi difícil, desafiador e sinalizou o desconsolo pela impossibilidade de mudar a situação.

Pela falta de adaptação das crianças ao ensino remoto, todas as participantes fizeram a opção de retirá-los da escola, por não conseguirem visualizar resultados satisfatórios nessa modalidade de ensino. As mães relataram que a saída das crianças da escola durante a pandemia foi ignorada por professores e direção, ou seja, as escolas não assumiram a responsabilidade para atingir metas em benefício da população com autismo, gerando tristeza e decepção materna.

É importante ressaltar que, antes da pandemia, 71% das crianças da pesquisa estavam matriculadas na escola e 29% em creches, ou seja, todas estavam inseridas no contexto educacional, com rotinas diárias e convívio com colegas e professores, o que favorecia o desenvolvimento psicossocial, cognitivo, motor e sensorial dessa população. Do início do estado de emergência, em março 2020, até a conclusão da coleta de dados (outubro de 2022), todas as crianças estavam sem acesso à educação.

A metáfora: *...O dismantelo foi grande!* (P16) referiu-se às repercussões da falta da escola e de estímulos durante a pandemia. A preocupação da mãe centralizou-se na regressão observada na filha e sinalizou a importância da escola para o desenvolvimento da criança.

Outras narrativas enfatizaram a importância do ambiente escolar para o desenvolvimento das crianças e que a ausência dessas atividades trouxe prejuízos para diversas áreas: *A falta da escola prejudicou muito* (nome do filho). *Imagino que se não tivesse tido a pandemia,*

*ele já tinha avançado em alguma coisa* (P6). *Com a falta da escola* (nome do filho) *regrediu muito... O convívio social ajuda bastante no desenvolvimento deles // ele [refere-se ao filho] escutar e reproduzir o que o outro está falando, a interação entre as crianças é muito importante, e sem isso ele regrediu bastante, bastante mesmo* (P15). *A falta da escola foi muito difícil pra* (nome do filho). *As aulas on-line e o fechamento da escola trouxe um enorme prejuízo social* (P21).

A maioria das participantes concorda que o fechamento das escolas promoveu a regressão nas habilidades de comunicação social devido à perda de oportunidades de socialização. Muitas delas afirmam que existiu a necessidade de “recuperar o atraso” nas habilidades sociais após o término da pandemia.

## Discussão

Este estudo foi desenvolvido considerando a percepção de mães acerca das dificuldades enfrentadas pelos filhos com TEA em relação à educação durante o período pandêmico.

As dificuldades na inclusão escolar de crianças com TEA não estão relacionadas apenas ao direito de frequentar a escola, mas também às condições oferecidas de forma a atender às necessidades educativas especiais, garantindo o progresso e a permanência desse público na escola. Por vezes, os docentes não se sentem preparados para as demandas exigidas pelas crianças e pelas características peculiares dessa população, como dificuldades em se relacionar e se comunicar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente, além dos comportamentos desadaptativos e os movimentos repetitivos e estereotipados, que variam entre os indivíduos e requerem adaptações dos tradicionais métodos de ensino<sup>(13)</sup>.

Com a criação das políticas públicas de educação para pessoas com deficiência, a escola possui o compromisso do atendimento à diversidade humana, sendo necessária a adaptação às necessidades individuais dos alunos e a não exclusão daqueles que possuem necessidades especiais. Essa mudança paradigmática ocasiona a desconstrução de modelos educacionais engessados<sup>(14)</sup>.

Para trabalhar numa perspectiva inclusiva, é

necessário reconhecer que não se trata apenas de organizar o atendimento educacional, mas promover um ambiente que incentive a empatia e ajude os alunos a se desenvolverem, ou seja, um lugar que favoreça sua aprendizagem<sup>(15)</sup>.

A educação inclusiva não pretende transformar a escola em um serviço de assistência social, desconsiderando seu papel de promotora de novos conhecimentos, mas é indispensável que se reconheça que o direito à educação é de todos, cabendo aos envolvidos buscar alternativas para evitar a exclusão e a discriminação, independentemente do contexto político, sanitário ou de qualquer outra natureza. Considerando a complexidade do período pandêmico, era necessário oferecer subsídios aos professores para auxiliá-los na construção de uma prática pedagógica inclusiva, visto que eles também não estavam preparados para lidar com essa situação<sup>(15)</sup>.

É necessário enfatizar que, no cenário pandêmico, os educadores também enfrentaram grandes e novos desafios. Tiveram que maximizar suas habilidades sociais e digitais e que adaptar as práticas pedagógicas ao ambiente virtual, para manter contato com os alunos ou com suas famílias. Eles não tinham sido treinados para gerenciar aulas virtuais, o que gerou dificuldades de adaptação, e lidar com alunos com necessidades educacionais especiais foi ainda mais desafiador<sup>(3,16)</sup>.

Ao fazer referência ao ensino remoto, as mães se utilizam da paráfrase da não adaptação, presente em todas as narrativas. Isso revela que a oferta de educação por meio digital sem as devidas adaptações leva à discriminação, já que não consegue atingir as populações que já se encontram em situações de vulnerabilidade. Por meio dos ditos, é possível perceber que a crise educacional causada pela pandemia apenas exacerbou a exclusão que já era uma realidade para as pessoas com autismo, ou seja, estão na ordem do interdiscurso.

O público-alvo da educação especial enfrentou um duplo desafio: o primeiro referente às condições históricas para garantir a inclusão no processo de es-

colarização; o segundo emergente da pandemia e relacionado aos desafios para garantir o aprendizado e o desenvolvimento dessa população no ensino remoto<sup>(6)</sup>.

O resultado do nosso estudo é consistente com a descoberta de outros pesquisadores que apontam que pessoas com deficiência e seus pais encontraram dificuldades em participar das aulas *on-line*. As crianças não estavam dispostas a participar e muitas experimentaram dificuldades em se acostumar com a educação a distância. O ensino remoto requer certo nível de facilidade e familiaridade com a tecnologia, atenção sustentada, motivação, organização e cooperação, que são desafios específicos para alunos com TEA<sup>(17)</sup>.

Considerando as condições de produção do discurso, é importante ressaltar que as escolas onde essas crianças estavam matriculadas possuíam atendimento educacional especializado. O referido atendimento identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que minimizam as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas especificidades. Mesmo com a existência e o funcionamento do atendimento educacional especializado, percebe-se que a educação remota não conseguiu contemplar as pessoas com TEA.

Os resultados da pesquisa corroboram a literatura, que afirma que, durante o período pandêmico, os alunos com deficiência, sobretudo aqueles com TEA, foram considerados “não educáveis”, pelos materiais de estudo que não foram adaptados; pelas dificuldades de aprendizagem; e pelos desafios emocionais, comportamentais e/ou físicos que afetaram a capacidade de aprendizado<sup>(16)</sup>. As narrativas maternas são carregadas de tristeza e sensação de fracasso e demonstram as marcas da pandemia na saúde mental e emocional das mães e no desenvolvimento das crianças.

Alguns pais de crianças/adolescentes com TEA reconhecem que a interrupção dos serviços educacionais fez com que os filhos experimentassem mudanças comportamentais negativas, incluindo regressão em uma variedade de habilidades, aumento ou no-

vos comportamentos desadaptativos e aumento dos sintomas de humor<sup>(18)</sup>. O bloqueio durante o período pandêmico impactou significativamente o desenvolvimento sensório-motor, as habilidades cognitivas, o sono, o comportamento e as interações sociais em cerca de 50% das crianças com necessidades especiais<sup>(19)</sup>.

A escola desempenha papel significativo na vida de pessoas com deficiência, pois representa um lugar de desenvolvimento emocional, físico, cognitivo, de relacionamentos, resiliência, consciência cultural e social. Consequentemente, a interrupção desses serviços trouxe repercussões psicológicas, emocionais, sociais e acadêmicas e aumentou os níveis de ansiedade dessa população<sup>(9,16,18)</sup>.

## Limitações do estudo

A pesquisa foi realizada considerando especificamente a percepção de mães de crianças com autismo sobre a educação dos filhos na época da pandemia de uma única associação. Para apreender o fenômeno de maneira mais ampla, torna-se necessário realizar estudos que tenham como cenário diferentes instituições e, ainda, com a participação de mães de diferentes contextos socioeconômicos, uma vez que tais estudos poderiam indicar diferenças entre as percepções maternas.

## Contribuições para a prática

Destaca-se a importância de se discutir e fortalecer a literatura sobre as repercussões da pandemia da COVID-19 na educação de crianças atípicas. Pensar e discutir as vivências maternas possibilitam compreender o funcionamento das redes de apoio durante período pandêmico de forma a mitigar efeitos negativos de futuras emergências de saúde pública.

As informações obtidas das narrativas maternas poderão subsidiar a elaboração e a implementação de protocolos educacionais para minimizar a exclusão e a invisibilidade da população com TEA, que reverberam em situações de desprezo e rejeição social.

## Conclusão

As mães de crianças com autismo consideraram que o sistema educacional foi ineficiente para atender às demandas de seus filhos durante o período pandêmico. A não adaptação das crianças ao ensino remoto foi responsável por desgaste mental e emocional para díade mãe/filho e pela regressão nas habilidades e comportamentos das crianças com transtorno do espectro autista, interferindo na qualidade de vida delas.

## Contribuição dos autores

Concepção e projeto ou análise e interpretação dos dados; Redação do manuscrito ou revisão crítica relevante do conteúdo intelectual; Aprovação final da versão a ser publicada; Responsável por todos os aspectos do manuscrito, assegurando as questões de precisão ou integridade de qualquer parte seja resolvida: Teixeira OFB, Pessoa VLMP, Quixadá LM, Silva JWM, Miranda KCL.

## Referências

1. Dal Pai J, Wolff CG, Aranchipe CS, Kepler CK, Santos GA, Canton LAL, et al. COVID-19 pandemic and autism spectrum disorder; consequences to children and adolescents — a systematic review. *Rev J Autism Dev Disord.* 2022;23:1-26. doi: <https://doi.org/10.1007/s40489-022-00344-4>
2. Daulay N. Home education for children with autism spectrum disorder during the COVID-19 pandemic: Indonesian mothers experience. *Res Dev Disabil.* 2021;114:103954. <https://dx.doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103954>
3. Bonilla-del-río M, Calero MLS. Inclusión educativa en tiempos de COVID-19: uso de redes sociales en personas con discapacidad intelectual. *Rev Iberoam Educ Dist.* 2022;25(1):141-61. doi: <https://doi.org/10.5944/ried.25.1.30875>
4. Dogan S, Sahin CH, Ergenekon Y. Views and experiences of individuals with autism spectrum disorder and their mothers during the COVID-19



- pandemic. *Int J Dev Disabil.* 2022;10;70(1):148-59. doi: <https://dx.doi.org/10.1080/20473869.2022.2152969>
5. Kamga SD. COVID-19 and the violation of the right to basic education of learners with disabilities in South Africa: an examination of centre for child law v minister of basic education. *J Afr Law.* 2021;65:347-60. doi: <https://doi.org/10.1017/S0021855321000309>
  6. Camizão AC, Conde PS, Victor SL. Implementation of remote schooling during the pandemic: what is the place of special education?. *Educ Pesqui.* 2021;47:e245165. doi: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147245165>
  7. Shaw GSL, Teixeira TSM, Souza JC. Vozes de mães e pais de autistas na pandemia: dificuldades e estratégias de enfrentamento. *Rev Educ Cult Soc [Internet].* 2022 [cited Apr 15, 2024];12(2):2-26. Available from: <https://periodicos.unemat.br/index.php/recs/article/view/6402/7279>
  8. Lindner KT, Letzel V, Tarini G, Schwab S. When home turns into quarantine school – new demands on students with special educational needs, their parents and teachers during COVID-19 quarantine. *Eur J Spec Needs Educ.* 2021;36(1):1-4. doi: <https://doi.org/10.1080/08856257.2021.1874153>
  9. Sowiyah, Perdana R, Sutarsyah C. Inclusive school management: transforming learning during the COVID-19 pandemic. *Rev Int Geogr Educn.* 2021;11(5):4205-13. doi: <https://dx.doi.org/10.48047/rigeo.11.05.302>
  10. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesq Qual [Internet].* 2017 [cited Feb 13, 2024];5(7):1-12. Available from: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>
  11. Brito MJM, Caram CS, Moreira DA, Rezende LC, Cardoso, CML, Caçador BS. Técnica do Gibi como recurso metodológico aplicado na enfermagem. *Rev Baiana Enferm.* 2019;33:e29895. doi: <http://dx.doi.org/10.18471/rbe.v33.29895>
  12. Orlandi EP. *Análise de discurso: princípios e procedimentos.* Campinas (SP): Pontes Editores; 2015.
  13. Camargo SPH, Silva GL, Crespo RO, Oliveira CR, Magalhães SL. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. *Educ Rev.* 2020;36:e214220. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4698214220>
  14. Paiva JCM, Gesser M. Acesso e permanência de pessoas com deficiência no ensino superior: participação na academia científica como forma de ativismo político. *Rev Educ Pol Debate.* 2023;12(3):1117-31. doi: <https://dx.doi.org/10.14393/REPOD-v12n3a2023-68502>
  15. Santos DP, Magalhães MHP, Santos ESP. As percepções de mães sobre a inclusão de crianças autistas em escolas de Goiânia: uma leitura psicanalítica. *Polyphonia.* 2022;33(1):222-42. doi: <https://doi.org/10.5216/rp.v33i1.74604>
  16. Toquero CMD. 'Sana All' inclusive education amid COVID-19: Challenges, strategies, and prospects of special education teachers. *Int Multidisciplinary J Social Sci.* 2021;10(1):30-51 doi: <https://dx.doi.org/10.17583/rimcis.2020.6316>
  17. Sakiz, H. Delayed educational services during Covid-19 and their relationships with the mental health of individuals with disabilities. *J Community Psychol.* 2021;50(6):2562-77. doi: <https://doi.org/10.1002/jcop.22676>
  18. Stadheim J, Johns A, Mitchell M, Smith CJ, Braden BB, Matthews NL. A qualitative examination of the impact of the COVID-19 pandemic on children and adolescents with autism and their parentes. *Res Dev Disabil.* 2022;125:104232. doi: <https://dx.doi.org/10.1016/j.ridd.2022.104232>
  19. Al-Beltagi M, Saeed NK, Bediwy AS, Alhawamdeh R, Qaraghuli S. Effects of COVID-19 on children with autism. *World J Virol.* 2022;11(6):411-25. doi: <https://dx.doi.org/10.5501/wjv.v11.i6.411>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons